

**“O DIVINO ADVOGADO”: SÃO ROQUE E AS EPIDEMIAS E DOENÇAS NO
BRASIL DO SÉCULO XIX**

**“THE DIVINE ADVOCATE”: SÃO ROQUE AND THE EPIDEMICS AND DISEASES
IN BRAZIL IN THE 19TH CENTURY**

**“EL ABOGADO DIVINO”: SÃO ROQUE Y LAS EPIDEMIAS Y ENFERMEDADES
EN BRASIL EN EL SIGLO XIX**

Ana Cláudia Magalhães¹
acvmagalhaes@yahoo.com.br

Maria Regina Emery Quites²
mariareginaemery@yahoo.com.br

RESUMO

No universo da imaginária devocional alguns santos são historicamente invocados durante epidemias devido à associação que se faz deles com curas. As doenças foram promotoras de devoções e, nesse sentido, destaca-se o culto a São Roque, mediador entre Deus e os homens. Objeto de um famoso sermão do Padre Antônio Vieira, foi por ele chamado de “divino advogado”. Este artigo tem como objetivo apresentar esse Terceiro Franciscano, que tem sido invocado quando a morte aparece como ameaça iminente, como no caso da epidemia do *Cholera Morbus* que atingiu o Brasil no século XIX. A devoção a São Roque foi estimulada especialmente pelas poderosas Ordens Terceiras de São Francisco, nas cidades de Salvador/BA e Recife/PE. O artigo trará da hagiografia cristã o São Roque intercessor buscado nas epidemias; da iconografia trará os elementos simbólicos que o identificam; da historiografia identificará as celebrações e demais atos de piedade realizados em sua honra.

Palavras-chave: epidemias; santos; devoções; imaginária; iconografia.

ABSTRACT

In the universe of devotional sculpture, some saints are historically invoked during epidemics due to the association made between them and healing. Diseases have been promoters of

¹ Graduação em Arquitetura e Urbanismo, e História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialista em Cultura e Arte Barroca pela UFOP, Especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pelo Cecor/EBA/UFMG, Mestrado e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFAL. É servidora pública federal, lotada na Coordenação Geral de Conservação/CGCO/Depam, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em Brasília/DF. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7729122354685980>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3841-4148>.

² Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), 2016; Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006. Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pelo Cecor/EBA/UFMG, 1990; Especialização em Cultura e Arte Barroca, 1991, e, Mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGArtes/EBA/UFMG), 1985. É professora associada do Departamento de Artes Plásticas da EBA/UFMG e atua no PPGArtes/EBA/UFMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1943960329335593>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6736-1762>.

devotions, and in this sense, the cult of Saint Roch stands out as a mediator between God and men. Subject of a famous sermon by Father Antônio Vieira, he was called the "divine advocate." This article aims to present this Franciscan Third Order member, who has been invoked when death appears as an imminent threat, as was the case during the Cholera Morbus epidemic that struck Brazil in the 19th century. The devotion to Saint Roch was particularly stimulated by the powerful Third Orders of Saint Francis in the cities of Salvador, Bahia, and Recife, Pernambuco. The article will draw from Christian hagiography the intercessory Saint Roch sought during epidemics; from iconography, it will bring the symbolic elements that identify him; from historiography, it will identify the celebrations and other acts of piety performed in his honor.

Keywords: epidemics; saints; devotions; sculpture. iconography.

RESUMEN

En el universo de la imaginaria devocional, algunos santos son invocados históricamente durante epidemias debido a la asociación que se hace de ellos con las curaciones. Las enfermedades han sido promotoras de devociones y, en este sentido, se destaca el culto a San Roque, mediador entre Dios y los hombres. Objeto de un famoso sermón del Padre Antônio Vieira, fue llamado "divino abogado". Este artículo tiene como objetivo presentar a este Tercero Franciscano, que ha sido invocado cuando la muerte aparece como una amenaza inminente, como en el caso de la epidemia de Cólera Morbus que afectó a Brasil en el siglo XIX. La devoción a San Roque fue estimulada especialmente por las poderosas Órdenes Terceras de San Francisco en las ciudades de Salvador, Bahía y Recife, Pernambuco. El artículo traerá de la hagiografía cristiana a San Roque como intercesor buscado durante las epidemias; de la iconografía presentará los elementos simbólicos que lo identifican; de la historiografía identificará las celebraciones y otros actos de piedad realizados en su honor.

Palabras clave: epidemias; santos; oraciones; imaginaria; iconografía.

O SANTO NOSSO DE CADA DIA

Ao longo da história da cristandade, alguns fiéis se destacaram pela sua elevada espiritualidade e pelas experiências de íntima relação com o sagrado, o que os tornaram capazes de protagonizar eventos de natureza miraculosa e extraordinária junto àqueles que neles depositam sua confiança. Como consequência, se em vida, na maioria das vezes, passaram por grandes sofrimentos físicos e emocionais causados por perseguições e martírios, doenças e dissabores, após sua morte, eles alcançaram os patamares mais elevados na hierarquia celeste e, assim, se tornaram capazes operar milagres na terra. São os intercessores no céu, que cuidam dos vivos na terra.

Para confirmar e valorizar a lembrança desses santos homens e dessas santas mulheres, a Igreja utilizou-os como instrumentos de evangelização, estimulou seu culto e veneração e manteve sua memória acesa entre os vivos por meio de representações artísticas, as quais foram

estimuladas nos espaços religiosos e mesmo nos ambientes urbanos e domésticos, defendendo que:

Devem expor-se as venerandas imagens sacras, manufaturadas com tintas, com mosaicos e com outras matérias idôneas, nas igrejas consagradas a Deus, nos vasos e paramentos sagrados, nas paredes e nos retábulos, nas casas e nas ruas; e isso aplica-se tanto à imagem do Nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo e à Nossa Senhora Imaculada, bem como às imagens dos veneráveis anjos e de todos os homens santos e piedosos. (Carta Apostólica *Duodecimum Saeculum*).

Apesar dos movimentos iconoclastas que vez por outra surgiam, o clero católico se manteve firme argumentando vigorosamente a favor do uso das imagens como parte da tradição religiosa de culto aos santos, afirmando que sua simples presença seria capaz de promover, não apenas a rememoração dos seus feitos, mas, sobretudo, estimular a conversão.

O Brasil Colônia, herdeiro da cultura religiosa portuguesa, teve no culto aos santos uma fonte inesgotável no desenvolvimento de práticas devocionais as quais, foram materializadas por meio de expressiva arte sacra, na forma de pinturas e esculturas, representando tanto os personagens quanto histórias e milagres a eles atribuídas.

No século XVIII, as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia não apenas ordenam, mas normatizam a representação artística dos santos nas igrejas

Manda o Sagrado Concilio Tridentino, que nas Igrejas se ponhão as Imagens de Christo Senhor nosso, da sua sagrada Cruz, da Virgem Maria Nossa Senhora, e dos outros santos que estiverem Canonizados ou Beatificados, e se pintem relabulos, ou se ponhão figuras dos mysterios, que obrou Christo nosso Senhor em nossa Redempção, por quanto com ellas se confirma o Povo fiel em os trazer á memoria muitas vezes, e se lembrão dos beneficios, e mercês, que de sua mão recebeo, e continuamente recebe e se incita tambem, vendo as Imagens dos Santos, e seus milagres, a dai graças a Deos nosso Senhor, e aos imitar; e encarrega muito aos Bispos a particular diligencia, e cuidado que nisto devem ter, e tambem em procurar, que não haja nesta materia abusos, superstições, nem cousa alguma profana, ou inhonesta. (VIDE, 1853, p.256).

Portanto, é possível dizer que o cotidiano na Colônia era pautado pela religiosidade: dentro do extenso calendário litúrgico, para cada dia havia um santo a ser celebrado; para cada alegria, para cada tristeza, para cada perda e para cada ganho, um intercessor seria invocado. Além disso, é importante também lembrar que a vida social girava em torno das festividades religiosas.

Na condição de mediadores entre o divino – Deus, e o profano – homens, eles eram objeto de profunda confiança. Segundo Alexandre (2013, p.323-324), nas dores de dentes se recorria a Santa Apolônia; nas feridas nos braços ou pernas era Santo Amaro; as dores de garganta era São Brás que curava; se o problema era nos olhos se recorria a Santa Luzia; para as dores de cabeça a Santa Brígida; para os partos complicados o socorro vinha de São Abelardo; no combate a doenças e surtos epidêmicos, era a São Roque e São Sebastião que se pedia proteção e cura.

Desse modo, parte da dinâmica urbana de povoados, vilas e cidades brasileiras foi marcada pelas atividades geradas a partir das devoções que os moradores nutriam pelos santos. Impulsionados por elas se construiu conventos, igrejas e capelas, se elegeu padroeiros, se realizou procissões e promoveu festas em sua homenagem. Em decorrência, se enriqueceu as edificações religiosas com retábulos, oratórios, altares e imagens.

É na perspectiva dos santos intercessores e das ricas relações estabelecidas entre estes e os devotos que se pretende desenvolver este artigo, ressaltando mais particularmente a sua presença consoladora por ocasião de alguns dos surtos epidêmicos que atingiram o Brasil. Nesse contexto, se deu destaque à figura de São Roque de Montpellier que, tanto na Europa quanto no Brasil, foi um forte intermediário entre Deus e as pessoas afligidas pelas enfermidades do corpo e que buscavam na fé o alívio para suas dores ante a perplexidade e impotência causada pelas doenças infectocontagiosas.

As epidemias fazem parte da memória das populações e sua presença é destacada na história e nas artes em geral - plásticas, literárias e audiovisuais. Algumas delas são emblemáticas, como a peste negra, que acometeu a Europa no século XIV e dizimou um terço da sua população; a peste bubônica na China que, na mesma época, matou perto de 50% do seu povo, ou, ainda, a gripe espanhola, que se disseminou violentamente a partir de 1918, ignorando barreiras geográficas, atingindo inclusive o Brasil. Como traço comum dos lugares contaminados ficou a sua transformação em espaços de morte.

Mais recentemente, a humanidade conviveu com o terror da Covid-19, infecção respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, cuja transmissibilidade elevada atingiu o mundo inteiro, transformando as relações entre os vivos, e entre esses e seus mortos; interferindo nas manifestações públicas da fé por meio do fechamento das igrejas; impedindo as cerimônias coletivas pelo medo do contágio; proibindo velórios e apressando sepultamentos.

Entretanto, seja no passado distante das pestes, seja na contemporaneidade da Covid-19, apesar do pânico implantado e das perdas de vidas decorrentes dos surtos epidemiológicos, é possível observar que as cidades podem nutrir e fortalecer seu universo devocional. Jerome Baschet (2006, p.251), a partir do cenário peculiar da Idade Média, chama a atenção para as Entretanto, seja no passado distante das pestes, seja na contemporaneidade da Covid-19, apesar do pânico implantado e das perdas de vidas decorrentes dos surtos epidemiológicos, é possível observar que as cidades podem nutrir e fortalecer seu universo devocional. Jerome Baschet (2006, p.251), a partir do cenário peculiar da Idade Média, chama a atenção para as consequências que acontecimentos trágicos, como pestes e guerras, geram no imaginário

religioso. Nesse sentido, podemos aceitar que a fé no poder do sagrado tem sido reforçada ante cenários aterrorizantes criados por epidemias e a cultura religiosa se enriquece com isso.

PARALELISMOS DEVOCIONAIS NAS CURAS MILAGROSAS: SÃO SEBASTIÃO, SÃO COSME E DAMIÃO

Figura 1 – Cosme e São Damião, 1685. Óleo sobre Madeira, 1729, autor anônimo. Convento Franciscano de Igarassu, Pernambuco.



Fonte: Andrey Schlee. 2023

Trazendo esta discussão para o ambiente urbano do Brasil Colônia, temos registrado na documentação primária e na historiografia vários relatos que indicam santos operando grandes milagres, não apenas no âmbito particular, mas sobretudo, nas demandas coletivas.

Nesse sentido, existe o relato do milagre e experiência de fé vivida pela população da então vila de Igarassu, quando, em 1685 uma epidemia de febre amarela se disseminou pelo território da Capitania de Pernambuco. Por ter saído ilesa do surto, em contraposição às localidades vizinhas, sua população fortaleceu um fervor religioso pelos gêmeos Cosme

Damião, médicos e patronos dos enfermos, aos quais creditava a proteção da vila da qual eram padroeiros³ (figura 1)

Figura 2 – Ex-voto: Ação de Graças aos Santos Cosme e Damião pela Proteção da vila de Igarassu contra a Peste



Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/UFAL, 2022

Como resultado dessa gratidão, têm-se um dos mais importantes registros de devoção setecentista, produzido em tempos de epidemias no território brasileiro: um ex-voto de grandes dimensões (1.48 m x 2.42 m), executado em 1729 em têmpera sobre madeira, que contém uma pintura de inestimável valor simbólico em alusão ao milagre realizado pelos santos protetores (figura 2).

Na obra, dividida horizontalmente em quatro faixas, estão retratados os núcleos urbanos de Goiana e Itamaracá, depois, Igarassu, Olinda e por último Recife. Na faixa inferior aparece o texto explicativo

Hum-dos especiaes favores q tem receb.^o esta freg.^a dos seos padroeyros S. Cosme e S. Damiâm, foy o defenderem a da peste, aq. Chamaram males que infestaram à todo o Pern.^{co}

³ Os santos gêmeos foram eleitos padroeiros de Igarassu desde os primórdios de sua elevação como núcleo urbano, sendo construída uma igreja em sua honra a partir de 1535.

e durarão m^{tos} anos começando node 1685 e ainda q passarão à Goyana e à outra freg.^{as} adiante, so a toda esta de Igarassu deixaram intacta, por que sebêm 2 ou 3 pessoas os trouceram do R^e, nelas sefindaram sem passar à outra, oque tudo hê notr.^o Ep^a memoria sepôs este quadro no anno der 1729, eodeo de esmola M.^{el} Ferr.^a de Carv.^o. [transcrição literal a partir do próprio ex-voto].

Nas primeira, terceira e quarta faixas, referentes a Goyana e Itamaracá, Olinda e Recife, destaca-se a representação da morte por meio de figuras de esqueletos portando uma foice, se movimentando livremente em meio ao casario, fazendo referência à epidemia que assolou aqueles lugares (figura 3).

Figura 3 – Ex-voto: Detalhe que mostra a figura da morte avançando sobre Recife. Têmpera sobre madeira, 1729, autor anônimo. Acervo: Convento Franciscano de Igarassu, Pernambuco



. Fonte: Grupo de Pesquisas Estudos da Paisagem/UFAL, 2022

A segunda faixa traz Igarassu, com o desenho de seu núcleo povoado ao centro, cujo casario se derrama, a partir de um cume, para áreas mais baixas do terreno, numa implantação urbana bem típica das primeiras povoações brasileiras. Ali, nas extremidades, destacam-se separadamente as presenças dos gêmeos, envoltos em uma nuvem, de onde impõem a mão direita em direção às trágicas figuras esqueléticas armadas com seus instrumentos de morte, impedindo sua entrada na povoação (figura 4).

Figura 4 - Ex-voto: Detalhe que mostra a figura da morte avançando sobre Recife e do santo, interpondo a mão sobre ela. Têmpera sobre Madeira, 1729, autor anônimo. Acervo: Convento Franciscano de Igarassu, PE.



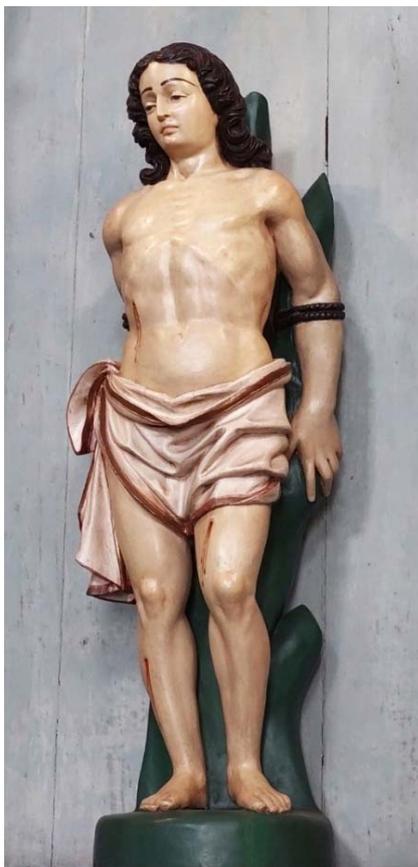
Fonte: Grupo de Pesquisas Estudos da Paisagem/UFAL, 2022.

A composição artística, muito claramente, diz respeito à ação milagrosa de São Cosme e São Damião ao impedir que a morte tivesse acesso àquela comunidade, livrando-a assim, dos perigos da epidemia de febre amarela, ao contrário dos demais lugares, onde a morte, livremente, avançava sobre elas.

No século XIX, mais uma vez o Brasil conviveu com um evento epidêmico de grandes proporções que, dessa vez atingiu, de forma generalizada praticamente todas as províncias. Embora fosse uma época com algum recurso científico, não havia conhecimento de como tratar o agente transmissor do *cholera morbus* nem de como deter sua disseminação. Por outro lado, as condições sanitárias nos meios urbanos eram muito precárias; assim, em paralelo às estratégias higienistas, remédios e tratamentos então disponíveis, os fiéis mantinham a tradição das práticas devocionais populares, recorrendo às rezas, promessas e invocações aos santos já confirmados dentro da tradição religiosa católica e consolidados dentro do imaginário coletivo pelos milagres realizados junto aos doentes.

É possível admitir que um dos mais representativos legados culturais desse surto epidêmico seja justamente o reforço das devoções aos santos, dos quais se destacam também o mártir italiano, São Sebastião, e São Roque de Montpellier (figura 5). A partir de uma relação de fé sustentada pela crença na sua força protetora, se verifica a consagração de cidades, igrejas e altares, além de procissões que, piedosamente, percorriam as ruas e aproximavam o santo da multidão fervorosa. Se acrescente a esse conjunto de atos de piedade e ação de graças, as novenas, as rezas e demais louvores em honra desses representantes de Deus na terra.

Figura 5 - São Sebastião, escultura em madeira policromada, acervo da Catedral de Nossa Senhora da Vitória, São Luís/Maranhão.



Fonte: Hebert Gerson Soares Júnior/2022

Fontes documentais identificadas no Arquivo Público de Alagoas informam sobre a realização de procissões em povoados, vilas e cidades, em honra a São Sebastião, por ocasião da epidemia do cólera que atingia a Província das Alagoas em meados do século XIX (MAGALHÃES, 2018, p.242). Ainda tendo Alagoas como cenário, um estudo é bem ilustrativo desse fenômeno, pois ele informa que no oitocentos o cólera, e seus efeitos devastadores, provocaram a adoção de São Sebastião como padroeiro de nove cidades daquela Província (TENÓRIO, 2006, p.29).

De modo geral, as igrejas mais antigas do Brasil são reveladoras da fé que a população devotava aos santos por ocasião das epidemias e doenças contagiosas. A inserção das imagens em seus programas iconográficos é reconhecimento do seu poder como mediador entre céu e terra e sua preservação constitui-se em memória daqueles tempos.

SÃO ROQUE, O DIVINO ADVOGADO: HAGIOLOGIA E ICONOGRAFIA

A hagiografia registra que São Roque nasceu em Montpellier, na França, por volta de 1350, e que morreu em 1379, tendo sido canonizado apenas no século XVII. Entretanto, bem antes já era um dos santos mais invocados dentro do conjunto de devoções populares relacionadas às doenças contagiosas e epidemias. Conforme informa Schenone (1992, p. 678), “*es uno de los santos antipestosos más populares, cuya vida pertenece más a la leyenda que a la historia. Fue muy venerado a partir del siglo XV*”.

O seu nome tem origem na palavra *Roc*, relativo à *Rouge*, porque trazia “uma marca de nascença no peito com forma de uma cruz, em vermelho” (TAVARES, 2001, apud TEIXEIRA, 2012, p. 19). Após a morte do pai, que era uma autoridade importante na região onde vivia, decidiu dividir sua herança entre os mais necessitados. Consta que ele aderiu à Ordem Terceira de São Francisco, mas ao invés de eremita ou mendicante, optou pela peregrinação e é vestido como peregrino que se encaminha à Roma, onde permanece por três anos assistindo aos pobres e desvalidos. Acontece na Itália seu encontro com a peste que por ali afligia a população de várias cidades, Dedicou-se então a cuidar dos enfermos, muitas vezes curando-os com um simples sinal da cruz.

Infetado pela peste refugia-se isolado em um bosque, onde é alimentado por um cão que diariamente lhe levava pão. Um anjo enviado por Deus promove sua cura e o consola em sua aflição. Recuperado, retorna à sua cidade natal, Montpellier, e a encontra em guerra. Não tendo sido reconhecido pelos seus conterrâneos, é confundido com um espião e feito prisioneiro por cinco anos, até falecer.

Segundo Rafael Pazzelli (2009, p. 46), muitas vezes o peregrino era objeto de desconfiança e hostilidade diante da sua busca pela santificação. O autor fala que esse foi o caso de São Roque que, assim como outros que abraçaram a busca pela santidade pela via da peregrinação, foi objeto de desconfiança e hostilidade, sendo perseguido e preso como espião e vagabundo.

Reza a tradição que quando ele morre o calabouço no qual estava aprisionado é invadido por uma luz intensa e resplandecente e foi possível ver, próximo ao corpo, a seguinte inscrição em latim: *eris in pestis patronus*, o que o nomeia por indicação divina, como patrono em cenários epidêmicos de peste (ALEXANDRE, 2013, p. 323). “[...] depois de morto, foi achado com uma tábua nas mãos, escrita por ministério de anjos, na qual prometia que todos os enfermos de peste, que se encomendassem em sua intercessão, sarariam daquele mal.” (SERMÃO, 1642: §I).

Padre Antônio Vieira, seu devoto, em sermão proferido em 1642, destaca a figura daquele a quem chama de “confessor de Cristo” e “divino advogado”, suplicando ao santo:

Todo o Reino de Portugal vos encomendo, divino Roque, pois tão duplicadas são as razões com que confia em vosso favor. Encomendo-vos esta cidade, que com tanta devoção e frequência soleniza vossas sagradas memórias. Encomendo-vos esta casa, que tão autorizada está com vosso patrocínio, e tão rica e tão santificada com o tesouro de vossas preciosas relíquias. (SERMÃO, 1642: §VIII).

Cabe destacar que é a São Roque a dedicação da primeira igreja construída pela Companhia de Jesus em Portugal, datada do final do século XVI, e uma das primeiras igrejas jesuítas do mundo, o que denota ser, o santo, uma devoção inciana também.

Segundo Louis Réau (2000, p.148-149), é a partir do século XV que seu culto se intensifica e dois fatos explicariam essa propagação: a iniciativa dos participantes do Concílio de Ferrara (1438-1445), que assistindo ao crescimento da peste bubônica na cidade durante o decorrer do encontro, pediram a sua intercessão; e o traslado para Veneza, em 1485, de uma parte de suas relíquias, para serem veneradas por suas propriedades curativas ou milagrosas contra as doenças contagiosas, evento que também constituiu-se em um marco da consagração do santo como anti-pestífero. Data daquele século, portanto, a multiplicação de confrarias dedicadas a São Roque na França e na Itália, sendo também seu culto reconhecido em Portugal, Alemanha e Bélgica.

A representação iconográfica de São Roque mostra uma figura de peregrino, com barba, cabelos compridos e encaracolados, uma capa, murça, chapéu, botas e na mão direita um bordão com uma cabaça para água na extremidade superior, no qual se apoia. Com a mão direita levanta a borda da capa revelando uma chaga na perna esquerda. Sempre tem ao seu lado a presença de um cachorro, símbolo da fidelidade, com um pão na boca e, por vezes, embora menos comum, é acrescentada à composição a figura do anjo, enviado por Deus para curá-lo.

Os acessórios iconográficos que o caracterizam são aqueles próprios dos peregrinos: botas compridas, chapéu, conchas, bordão, cabaça, rosário ou saltério, sacola. Em alguns casos, pode trazer chaves cruzadas, as quais fazem alusão ao caminho do peregrino em direção a Roma (TEIXEIRA, 2012, p. 20). Embora tais acessórios sejam elementos identitários, para alguns pesquisadores, a chaga, ou ferida, na coxa é o atributo iconográfico, por excelência, que distingue São Roque em relação a outros santos peregrinos (figura 6). Entretanto, cabe destacar que a localização da chaga pode variar entre perna esquerda e perna direita.

Figura 6 - Chaga de São Roque, escultura em madeira dourada e policromada, acervo do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, Marechal Deodoro, Alagoas.



Fonte: Ana Cláudia Magalhães. 2010.

Sua condição de franciscano leigo, penitente, cuja vida exemplar dedicada ao exercício da caridade, conforme São Francisco pregou, bem como os milagres realizados, permitiram sua adoção como um dos santos mais invocados entre os fiéis. A comemoração do dia 16 de agosto, data da sua morte, está incluída no Florilegio Offerecido aos Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis (1903, p. 113), atestando a sua santidade inspirada na espiritualidade franciscana.

A presença de representações de São Roque é recorrente nos conventos franciscanos, especialmente no interior das capelas da Ordem Terceira, onde, além de conterem esculturas e pinturas em retábulos, alguns chegaram a edificar capelas e claustros em sua homenagem.

De acordo com a pesquisadora portuguesa Albertina Belo (2011, p.55), além da obrigatória e permanente presença de São Francisco e de Santo Antônio nas capelas das Ordens Terceiras, a veneração a outros santos tradicionalmente ligados ao franciscanismo era vasta, havendo por isso um arranjo de modo que as devoções fossem associadas aos irmãos professos, homens e mulheres, de acordo com algumas particularidades:

E para que cada um e cada uma em sua classe tivesse nesta Ordem Terceira um espelho e exemplar de Consumada perfeição, parece fez empenho a Providência Divina de dar logo algum Santo Canonizado ou Beatificado por sua Igreja, em cada um dos sobreditos estados. Os Senhores Eclesiásticos (...) tiveram logo São Ivo... Os homens casados (...) têm São Luís, Rei de França... **Os homens livres têm São**

Roque... As mulheres casadas (...) têm por exemplar admirável Santa Isabel, Rainha de Portugal... As Mulheres viúvas da Ordem Terceira Seráfica, têm Canonizada Santa Isabel viúva, filha do Rei da Hungria... As Irmãs da Ordem Terceira, que têm o feliz estado de virgindade no século, têm Santa Rosa de Viterbo... As mulheres livres, que em algum tempo correram o caminho tenebroso dos vícios e torpezas, mas já penitentes e desenganadas (...) têm para alentar suas esperanças Santa Margarida de Cortona” (FREI ANTONIO ARBIOL, 1724, Apud: BELO, 2011, p.55, citação 63). [grifo nosso].

A veneração a São Roque era estimulada e integrava “manuais espirituais elucidativos, destinados às Ordens Terceiras franciscanas” (BELO, 2011, p.56). Outra presença destacada e obrigatória de São Roque era nas concorridas Procissões de Cinzas, cerimônia realizada prioritariamente pelos franciscanos leigos na quarta-feira da Semana Santa, geralmente representado em imagens de vestir, adequadas a serem conduzidas em andores pelas ruas e ladeiras das povoações coloniais.

Tamanha era a deferência ao santo que em algumas casas dos terceiros, lhes foram dedicados lugares distintos dentro da espacialidade de suas capelas. Um exemplo disso acontece na Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco, na cidade de Salvador/BA, que concedeu a São Roque um lugar muito privilegiado dentro da ambiência conventual – o Claustro. Ali havia o Claustro de São Roque, no qual eram realizadas as vias sacras, contendo também uma capelinha com a mesma invocação. Segundo Albertina Belo (2011, p.98, citação 207), “a construção da capela esteve ligada à imposição do culto de São Roque no ano de 1855, ano em que a peste contamina a cidade de Salvador”.

No templo da Ordem Terceira da cidade de Olinda, a capela mor é dedicada a São Roque, cuja escultura em madeira dourada e policromada ocupa o lugar mais alto do camarim central do retábulo-mor (figura 7).

Alguns relatos históricos contribuem para explicar a relação de confiança e fé dos terceiros franciscanos com São Roque. Segundo Marieta Alves, em 1855, a cidade de Salvador estava tomada pelo vibrião do cólera e a população apavorada recorria aos santos, por meio de preces e procissões. Ocorreu ao então Padre Comissário Frei Manoel de Santa Rosa, cargo ocupado invariavelmente por um frade, reforçar a devoção a São Roque entre os irmãos terceiros, encomendando ao santeiro Francisco de Assis Machado uma imagem para a capela (figura 8).

Figura 7- São Roque, escultura em madeira dourada e policromada, retábulo-mor da Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, Olinda/Pernambuco.



Fonte: Eduardo da Costa Campos, 2023.

Figura 8- Imagem de vestir, acervo da Capela da Ordem Terceira Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco/século XIX, Salvador/Bahia.



Fonte: Eduardo da Costa Campos, 2023.

De acordo com a Ata de 8 de setembro de 1855:

Deo conta o nosso R. do P.e M.e Commissario, q' de acordo com o Irmão Ministro, e outros officiaes da Meza, tinha mandado fazer uma imagem do Glorioso Sam Roque, em razão da q' existe, a lem de ser de róca, não ter os emblemas de tal santo: foi aprovada pela mesa esta deliberação. (ALVES, 1948, Apud QUITES, 2006, p.101).

Em Recife, ainda por ocasião da epidemia do cólera, após uma procissão realizada em 1856 rogando a proteção contra o contágio mortal, a imagem de vestir de São Roque perde seu caráter processional e passa, desde então, a integrar o programa iconográfico da capela dos terceiros franciscanos, tendo sido instalada em um dos seus altares onde permanece até os dias de hoje. Segundo Fernando Pio:

[...] feita a procissão e vencida, sem grande demora, a epidemia devastadora, esta piedosa imagem de São Roque, ao invés de ser, como de costume, guardada em seu depósito, passou a ser colocada em um dos altares da Capela dos noviços, onde ainda se encontra (PIO, 1967, Apud QUITES, 2006, p. 144).

O certo é que, muito antes do século XIX consolidar a presença de São Roque como um protetor da contaminação e morte por doenças contagiosas, São Roque já se fazia presente como objeto de veneração entre os franciscanos, especialmente entre os leigos. Hoje, ao visitar os conventos mais antigos, sejam os do Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia) ou os do Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo), invariavelmente se encontra as

imagens do santo, tanto na igreja da Ordem Primeira como da Terceira, seja em imagens de vulto ou de vestir, caracterizando uma devoção muito particular franciscana.

Na Província das Minas Gerais, onde o contexto histórico proibiu o estabelecimento das ordens religiosas regulares (primeiras e segundas), é possível constatar a presença de São Roque nas casas dos terceiros de São Francisco, a exemplo das cidades de Mariana e Ouro Preto, cujas capelas possuem imagens instaladas em altares próprios, algumas oriundas do século XVIII. Além disso, ele também figurava nas Procissões de Cinzas, onde era objeto de grande veneração por parte dos fiéis.

Atualmente, ainda é possível ver a devoção a São Roque ser manifestada pela população, especialmente no decorrer da tradicional procissão realizada em sua honra, ou ainda no seu dia comemorativo, quando os fiéis se encarregam de doar novas roupas para as imagens de vestir, enfeitam seu andor com flores, em agradecimento à ação do santo em seu favor.

Em Ouro Preto existiu, até recentemente, a tradição das pessoas substituírem o pão esculpido em madeira que o cachorro traz na boca, por um verdadeiro, o qual, revestido de sacralidade, era levado para casa como sinal de fé no poder de cura do santo milagreiro. Tocar o pão, as vestes, a ferida na coxa, promove para seus devotos eventos de natureza extraordinária, a maioria deles relacionado a curas de doenças (Cf. QUITES, 2006, p. 290).

No decorrer da pandemia do Corona Vírus, viu-se reacender a veneração ao santo. Não foram raras as procissões que ocorreram em todo o país em sua homenagem, sendo a fé no seu poder de cura um recurso auxiliar à ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo ocidental, de tradição judaico-cristã, o Brasil é uma das maiores referências no campo da produção da imaginária devocional, alimentada que foi pelas práticas da religiosidade popular e experiências de fé pautadas pelo fenômeno do culto às imagens dos santos.

É importante destacar que a imagem, para além do objeto palpável, cujos valores artísticos e históricos o torna valioso, é detentora de sentidos e significados que ultrapassam a materialidade. Isso pode ser aplicado ao culto a São Roque, conforme foi visto no decorrer desse artigo.

A crença no poder do sagrado contra as doenças e pestes tem na figura do santo francês um poderoso aliado, com representações que ultrapassam os limites do tempo e do espaço, como nos mostra a devoção forte no período colonial brasileiro, e recuperada durante a

pandemia da Covid. A sua vida envolta em lendas e pouco comprovada historicamente não diminuiu sua veneração, que, inclusive, se inicia séculos antes de sua canonização.

A pesquisa aqui apresentada demonstrou que essa confiança na sua intercessão em processos de cura, tem profundas raízes no passado colonial brasileiro pois, sendo um santo de origem ligada ao franciscanismo, era cultuado nos conventos, igrejas e capelas das ordens primeiras e terceiras espalhadas pelo país a partir de 1585. Sendo, também, uma referência para os jesuítas, certamente eles contribuíram para a disseminação da devoção na Colônia. Segundo o Padre Antônio Vieira (1608-1697), os gestos de caridade,

nos hospitais, nos cárceres, nas aflições e sentimentos particulares”, realizados pelos jesuítas em Lisboa, se deviam ao seu padroeiro, acrescentando que “devem os religiosos desta casa os fervores de sua caridade a São Roque, mais que a Santo Inácio, porque de Santo Inácio são filhos, mas de São Roque domésticos.

Por outro lado, há que se considerar os surtos epidêmicos e virulentos que marcaram os núcleos urbanos quando o desenvolvimento da ciência ainda não atendia às demandas relacionadas à saúde pública, sendo, portanto, imprescindível, se recorrer ao sagrado.

Diante do exposto, é possível afirmar que se trata de uma devoção muito antiga, tradicional e cara aos brasileiros, trazida pelos portugueses e que ganhou contornos da cultura local nas igrejas que mantém práticas devocionais em sua honra.

Sua representação iconográfica acentua sua natureza caridosa, a marca da doença, o que lhe permite saber das dores do outro, pois também as sofreu. Caracterizado como terceiro franciscano e peregrino, veste sempre hábito da ordem e sobre ele há também os trajes e atributos da peregrinação. Da espiritualidade franciscana exerce a caridade, atendendo aos pobres e enfermos. Como peregrino, vai em busca de quem precisa ser curado.

Observar que em pleno século XXI, o mesmo santo a quem se recorre desde o século XV para a cura de doenças graves, contribuiu para fortalecer uma parte dos fiéis brasileiros diante da ameaça à vida, na forma do recente coronavírus, indica a importância dessas referências para o homem contemporâneo.

Cabe refletir se, assim como o avanço da ciência não nos tornou imunes a vírus desconhecidos, talvez, nossa racionalidade não nos tenha deixado imunes às graças dos santos.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Da cruel peste livrai ao povo desta cidade”**: representações religiosas sobre o Cólera no Crato (1855-1862). In: SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA, ano 18, nº. 28 (2013). João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História/ UFPB, jan./jun. 2013, pp. 311 – 328.
- BASCHET, Jerome. **A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América**. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- BELO, Albertina Marques Pires. **As Ordens Terceiras de São Francisco na Zona da Mata: implantação da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil ao longo dos séculos XVII e XVIII**, Vol. I. Tese de Doutorado em História/Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa/Portugal, 2011.
- CARTA APOSTÓLICA DUODECIMUM SAECULUM do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado da Igreja Católica sobre a Veneração das Imagens por Ocasião do XII Centenário do II Concílio de Nicéia: Disponível em: os. Acessado em maio de 2022.
- FLORILEGIO OFFERECIDO AOS IRMÃOS E IRMÃS DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO DE ASSIS e Organizado de Acordo com as recentes Disposições do Summo Pontífice Leão XII. São Paulo: Typ. Espindola, Siqueira & Comp, 1903.
- MAGALHÃES, Ana Cláudia. IGREJAS, CONVENTOS, CEMITÉRIOS: O LUGAR DOS MORTOS CONFIGURANDO A PAISAGEM URBANA E ARQUITETÔNICA DA CIDADE COLONIAL MARECHAL DEODORO, ALAGOAS. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, FAU/UFAL, Maceió/ 2018.
- PAZELLI, Rafael. **São Francisco e a Ordem Terceira. O movimento penitencial pré-franciscano e o franciscano**. Editora Mensageiro de Santo Antônio, 2009.
- QUITES, Maria Regina Emery. IMAGEM DE VESTIR: REVISÃO DE CONCEITOS ATRAVÉS DE ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS ORDENS TERCEIRAS FRANCISCANAS NO BRASIL. Tese de Doutorado, DHIFCH/UNICAMP, Campinas/SP, 2006.
- REAU, Louis. **Iconografía del arte cristiano: iconografía de los santos**. Barcelona: Ediciones del Serbal. 2000.
- SCHENONE, Héctor H. **Los Santos**. Buenos Ayres: Fundación Tarea, 1992, vol. I.
- SERMAO QUE PREGOU O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA DE JESUS, NA CASA PROFESSA DA MESMA COMPANHIA DE LISBOA. NA FESTA QUE FEZ A SÃO ROQUE ANTÔNIO TELES DA SILVA, no ano de 1642. Literatura Brasileira. Textos literários. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=135028> . Acessado em setembro de 2022.
- SILVA, Kalina Vanderlei. **A Peste e a Morte no Imaginário Açucareiro Colonial: a tela de ação de graças aos santos Cosme e Damião pela proteção da vila de Igarassu contra a peste em 1685**. In: ANAIS DO VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL ESCRITAS DA HISTÓRIA: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí/ UFPI, Teresina/PI, 2012.
- TEIXEIRA, Susana Patrícia Ribeiro. **S. Roque: estudo iconográfico, material, técnico e estético de uma escultura da época barroca. Relatório de Estágio Apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar**, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro em Escultura em Madeira Policromada, 2012.
- TENÓRIO, Douglas Apratto. **A Fé, a Capela, os Santos**. Alagoas e a influência sacra em sua formação histórica. In: REVISTA CABANOS, REVISTA DE HISTÓRIA, ano 1, vol. 1, Nº 1. Arapiraca: FUNESA, Maceió: EDUFAL, 2006, pp. 13-43.
- VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e Ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide**. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853.